



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**REPRESENTAÇÕES DE ESCOLA E INFÂNCIA: UM ESTUDO SOBRE  
OS LIVROS DE LEITURA**

Milena Domingos Belo\*

A educação destaca-se, como prioridade, no Brasil, em fins do século XIX e início do XX. As novas ideias que emergiam, visavam colocar o país “ao nível do século” conforme afirma Marcílio (2005), de modo que era necessária a criação de uma realidade nacional diferente, que seria possível, principalmente, por meio da escola, assim como da imprensa e da legislação.

A escola é uma parcela da sociedade. Tanto ahi como no grande mundo, a criança hoje, e amanhã o homem, tem de agir como uma cellula perfeita no corpo são a que pertença. E como os primeiros germens de educação é a escola que os dá, o professor tem obrigação de contribuir [...] para que esse ambiente seja o mais adequado e o mais perfeito para a formação do espírito e do characterdaquelles que vão dirigir ou construir a sociedade de amanhã. (REVISTA DE ENSINO, 1902, p.05)

Este trecho extraído do texto de apresentação da primeira edição da *Revista de Ensino* demonstra um contexto no qual a escola cada vez mais assumia seu papel enquanto instituição responsável pela socialização das gerações. Neste sentido a função social da escola seria garantir a socialização do indivíduo, ensiná-lo a ser membro da

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo e graduada em Pedagogia pela mesma universidade. Realizou pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP e participa como membro do Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História – GEPICH. Contato: [milena\\_dbelo@hotmail.com](mailto:milena_dbelo@hotmail.com)

sociedade. Sendo assim é imprescindível a interlocução entre a história da infância e a história da educação e escolarização a fim de que seja possível compreender o papel que a institucionalização da escola exerceu na conformação da infância como geração diferenciada de outras.

O intenso debate sobre a necessidade da expansão da escolarização, em fins do período imperial visava a inclusão de um número maior de crianças nas escolas. Considerando o contexto social, especificamente em São Paulo, o discurso sobre a ampliação da instrução incidia sobre questões abrangentes como o aumento expressivo da população, ocasionado pela chegada de imigrantes, a grande parcela pobre, doente, indolente e improdutiva da população, que “perdida na vadiagem, impunham sua presença incômoda na cidade”, conforme descreve Carvalho (1989), “regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, tornando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas, eis o que se esperava da educação”(p.10). Assim, à escola fora conferida a responsabilidade fundamental do progresso social e material, sendo considerada instituição capaz de oferecer as condições necessárias para a viabilização do regime republicano. Era, portanto, missão da escola permitir a apreensão de conteúdos morais e instrutivos necessários à formação do novo cidadão.

Nesse sentido, Veiga (2005) assevera acerca da obrigatoriedade escolar como um acontecimento político relacionado à necessidade de se produzir uma consciência de pertencimento nacional. Ao estabelecer a obrigatoriedade escolar como estratégia de produção da nação, a elite política e intelectual, construiu um imaginário de sociedade, estabelecendo como pressuposto a necessidade da produção de uma identidade coletiva. Através da definição dos valores, hábitos e atitudes, ou seja, de gestos e expressões que deveriam ser compartilhados por todos e cuja possibilidade estaria na homogeneização cultural das populações.

A escola primária destaca-se como importante instituição possibilitadora da elaboração da infância como uma unidade diferenciada de tempo geracional. Deste modo a história da infância está imbricada à história da escola uma vez que no âmbito do processo civilizador na definição das diferenciações quanto às gerações, a escola assume papel fundamental na socialização das gerações. Sendo assim o alargamento das distinções das gerações implicou na distinção da escola como espaço capaz de homogeneizar a educação moral, física e intelectual das crianças. (VEIGA, 2010, p. 21-37)

O projeto para a escola pública primária previa a renovação dos métodos, dos processos de ensino, dos programas e da organização didático-pedagógica, visando a modernização da escola e a conseqüente civilização dos indivíduos. Para tanto o método individual deveria dar lugar ao ensino simultâneo, livros deveriam ser adquiridos, a prática docente deveria ser reformada, etc. Assim, com a promulgação de legislação específica, a fim de padronizar e de assegurar o lugar da escola sob o controle do Estado, as especificidades da escola vão sendo definidas, através de implementação dos métodos aprovados, da definição dos sujeitos responsáveis pela instrução e suas atribuições, da criação de diretrizes para a construção dos prédios escolares, bem como para a determinação das disciplinas que deveriam compor o currículo e a definição dos materiais escolares fundamentais. Estas especificidades da escola, estabelecidas através da intervenção científica em especial da psicologia, possibilitaram o estabelecimento de formas de socializar distintamente as crianças, destacando-se como instauradoras da infância escolarizada, conformando os tempos, espaços e atividades que seriam apropriadas às crianças. Deste modo, conforme afirma Veiga (2010) a identidade da criança se fez confundida ou até secundarizada coma de aluno.

Em síntese, o projeto de escolarização pública e universal foi um projeto de produção do cidadão. A ideia difundida de que lugar de criança é na escola implica a concepção de infância e de criança enquanto indivíduo que precisa ser civilizado. Compreende-se *civilizar* a partir do conceito apresentado por Norbert Elias (1990), quer seja, o processo de transformar, moldar, condicionar o indivíduo para que este adquira novos hábitos, novos comportamentos, até que estes sejam incorporados por ele como sendo a sua *segunda natureza*. Nisto encerra-se o ideal proposto pela escola primária: regenerar a nação através da civilização da criança a partir dos preceitos morais, higiênicos e patrióticos.

Uma vez que o currículo e as diretrizes para o ensino encontravam-se em fase de construção, muitos intelectuais envolvidos neste empreendimento desejavam ter seus projetos para o ensino consolidados, para tanto empenharam-se na elaboração de materiais que divulgassem e possibilitassem a implementação de suas ideias na escola primária, como por exemplo, através dos livros escolares. De modo que conforme afirmam Pfromm e outros (1974).

O movimento responsável pelo crescimento do ensino elementar possibilitou as condições favoráveis que estimularam em educadores brasileiros, o desejo de elaborar livros de leitura e de outros textos

didáticos para uso dos alunos e professores do ensino elementar. O baiano Abílio Cesar Borges, primeiramente, e mais tarde, Felisberto de Carvalho, Hilário Ribeiro, Romão Puiggari, Arnaldo de Oliveira Barreto, Francisco Vianna, João Köpke e outros produziram nossas primeiras séries graduadas de livros de leitura. Livros que foram verdadeiramente nacionais (...) concorrendo de modo nada desprezível para a unidade brasileira de sentimento. (PFROMM e OUTROS, 1974, p. 170)

Sobre a função que os livros e os impressos começaram a exercer na disseminação do modelo escolar republicano, Hilsdorf (2003) afirma que, estudos referentes a história do impresso e da leitura, evidenciam que além das estratégias institucionais, os republicanos paulistas divulgaram o seu modelo escolar por meio de livros didáticos e revistas dirigidas aos professores, impressos prescritivos do quê e de como ensinar.

Assim, os livros de leitura exerciam importante papel na função de “inculcar” os valores pretendidos. Entre os livros utilizados na escola primária paulista, no período de circulação da Série Puiggari-Barreto e da Série de João Köpke, destacam-se publicações de Hilário Ribeiro, Thomas Galhardo, Felisberto de Carvalho e Francisco Viana, para citar alguns. Apesar das divergências entre estes materiais - alguns caracterizados pelo modelo denominado enciclopédico, apresentam conteúdos de divulgação científica, histórica e geográfica, como é o caso da *Série Instrutiva* de Hilário Ribeiro e os *Livros de Leitura* de Felisberto Carvalho. Outros são caracterizados pela predominância do modelo de livro de leitura constituído por pequenas histórias de fácil entendimento e mais atrativas ao interesse das crianças, como é o caso da Série Puiggari-Barreto, dos livros de João Köpke e de Francisco Viana -, esse tipo de livro apresentava algumas características em comum trazendo lições que eram baseadas principalmente em de civismo, e na missão formadora e patriótica para as crianças. (PFROMM e OUTROS, 1974; OLIVEIRA, 2000, 2004; PANIZZOLO, 2006, 2010; ORIANI, 2010; BELO, 2014)

Com base nos aportes teóricos da História Cultural, este trabalho pretende apresentar a análise realizada em duas Séries de livros de leitura que tiveram expressiva circulação nas escolas primárias paulistas em fins do século XIX e início do século XX. Buscando compreender a materialidade dos processos de difusão e imposição de determinados saberes, os Livros de Leitura interessaram-nos em seu duplo sentido: como objeto de investigação e como objeto material, cujos usos, em situações específicas, pretendeu-se determinar.

Segundo Chartier (1990) os livros escolares se configuram em *objetos de circulação* e portanto, possibilitam a circulação de ideias, valores e comportamentos que se desejou que fossem ensinados. Sendo assim, pretendeu-se identificar quais as representações de infância e de escola expressas nos livros. Para tanto, recorreu-se a categoria *representação* segundo a definição de Chartier (1990) uma vez que esta categoria permite uma análise a respeito das formas pelas quais os homens são capazes de perceber e reproduzir o mundo social no qual se inserem. O historiador francês propõe a abordagem do social através dos lugares de produção de discursos, que configuram a realidade, ou seja, as *representações*.

Considerando que as percepções do social não são discursos neutros, uma vez que são capazes de produzir estratégias e práticas, sejam elas sociais, escolares, políticas, etc., que visam legitimar um determinado projeto reformador ou sustentar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas, conforme afirma Chartier (1990), a análise dos livros de leitura, pretendeu identificar ao mesmo tempo o que os livros apresentam enquanto representação de infância bem como o que estabelecem como comportamentos e modos de ser inerentes à criança. Deste modo, a investigação pautou-se na análise das normas e prescrições de comportamentos socialmente valorizados, considerando que o estudo da produção de livros de leitura não significa buscar no interior dos textos o retrato da infância da época, mas as representações construídas pelo autor sobre os modos de comportamentos estabelecidos como próprios da infância, modos de ser aluno bem como o modelo de uma escola que se pretendia.

Este trabalho considera, portanto, assim como Chartier (1990), que a “investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.” (p.17)

Finalmente a importância de analisar livros escolares, no âmbito da prática da História Cultural justifica-se uma vez que, assim como afirma Corrêa (2000)

O livro escolar, ao fazer parte da cultura da escola, não integra essa cultura arbitrariamente. É organizado, veiculado e utilizado com uma intencionalidade, já que é portador de uma dimensão da cultura social mais ampla. Por isso, esse tipo de material serve como instrumento, por excelência, da análise sobre a "mediação" que a escola realiza entre a sociedade e os sujeitos em formação, o que significa interpretar parte de sua função social. (s/p)

## A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA INFÂNCIA E DA ESCOLA NAS PÁGINAS DOS LIVROS DE LEITURA

### *A Série Rangel Pestana*

A *Série Rangel Pestana* foi elaborada por João Kopke<sup>1</sup>, publicada em 1884 e tinha como objetivo instrumentalizar o ensino da leitura corrente, expressiva e suplementar. A coleção composta por seis livros fora denominada primeiramente de *Curso sistemático da língua materna*, recebendo também o nome de *Coleção João Köpke*.

De acordo com o estudo realizado por Panizzolo (2006) a Série fora organizada de modo que os três primeiros livros caracterizavam-se como *leituras morais e instrutivas*. Esses livros apresentam em suas lições um modelo educativo por meio da narrativa moralizante. As histórias demonstram acontecimentos na vida de uma ou mais crianças, apresentando um problema e provocando uma tomada de consciência, mediante a qual a criança é transformada; “Esses livros de leitura, constituídos por textos moralizantes, relatos edificantes e também historietas sobre a vida cotidiana das crianças, tanto em prosa quanto em versos, buscavam conciliar dois propósitos: instruir e educar” (PANIZZOLO, 2010, s/p)

O quarto e quinto livro de leitura caracterizam-se por apresentar o modelo cultural das leituras literárias, remetendo ao segundo plano o caráter moralizante dos livros de leitura, produzindo, em suas páginas, ideais e sentimentos relacionados a pátria bem como do apreço pela leitura e língua e à língua nacional. (*Ibid.*, s/p)

Finalmente o sexto livro, classificado como *leituras práticas*, apresenta um modelo enciclopédico das leituras instrutivas, privilegiando o ensino das Ciências Naturais e Sociais. (*Ibid.*, s/p)

D’Avila (1969) ressalta a influência exercida por Köpke sobre aqueles a quem educou e a sua “extraordinária capacidade de escrever livros para crianças e adolescentes” (p.272). João Köpke apresentou, não somente no conteúdo de seus livros, como também em revistas pedagógicas e em conferências, a finalidade de suas obras: despertar o interesse da criança, mediante a leitura aprazível.

<sup>1</sup> A respeito da trajetória de João Köpke, sua contribuição para a Instrução Pública republicana e sua vasta publicação de cunho pedagógico consultar Panizzolo (2006; 2010; 2011) .

Porque é sobre estes interesses inerentes à criança que nós temos de buscar os nossos planos de trabalho no escopo de que o impulso para aprender, para fazer, venha de dentro, e a criança se desenvolva pelo exercício da própria atividade. Este princípio do desenvolvimento pela própria atividade é uma das verdades fundamentais, que constituem nosso credo profissional. (KÖPKE apud MORTATTI, 2000, p.115)

Köpke destaca além dos aspectos relativos ao interesse da criança, os passos para despertá-lo, difundindo assim os meios e métodos de ensino que considerava mais adequados. Conforme afirma Mortatti (2000) este educador pretendeu, com suas cartilhas e livros de leitura, servir às crianças paulistas e brasileiras para que pudessem contribuir para o estabelecimento dos ideais republicanos e da afirmação da pátria brasileira.

Na Série Rangel Pestana as histórias apresentavam a ação de uma criança, vezes enaltecendo alguma boa obra realizada, destacando assim as boas consequências dela; e hora descrevendo alguma conduta desprezível e a consequência ou punição recebida. Desta maneira os valores eram inculcados no coração da criança, como por exemplo, o valor da verdade, da idoneidade, conforme apresentado na lição *Como se desfaz uma mentira*:

- Carlos, meu filho, disse o Senhor Rodrigues a Carlos, menino de 10 anos, - como foi que entraste na Exposição? Tu não tinhas dinheiro para comprar bilhete, e sem bilhete ninguém entra.

- Ora, papai, disse Carlos; - eu escrevi o nome do dono da Exposição em um escrito, meti um papel dentro, mostrei a carta ao guarda, e ele, pensando que era uma carta devéras, deixou-me entrar, e eu vi tudo assim.

-E não sabias tu que isso era muito feio? Eu nunca pensei que meu filho fosse capaz de fazer coisa assim.

- Porque é que era feio? Perguntou o menino. – Eu não disse uma mentira.

- Mas praticaste uma falsidade. Fizeste o guarda pensar que tinhas negócios com o dono, e assim, deixar-te entrar enganado. O engano é também uma mentira. (KÖPKE, 1911, p.154-5).

### ***A Série Puiggari-Barreto***

A Série Puiggari-Barreto, elaborada pelos professores Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto<sup>2</sup>, é constituída por quatro livros e de acordo com os próprios

<sup>2</sup> A esse respeito consultar Belo (2014). A trajetória profissional, a influência dos dois autores bem como sua atuação na Instrução Pública foram analisadas na pesquisa de Iniciação Científica e apresentados no trabalho de conclusão de curso.

autores a Série de Leitura caracteriza-se como sendo um trabalho mais didático que literário, de maneira que as lições presentes nos livros têm como objetivo inculcar ideias e aprendizados, considerados importantes para a educação das crianças. Priorizam a formação destas enquanto leitoras. Os “temas” predominantes das lições que encontradas nos livros da Série Puiggari-Barreto foram<sup>3</sup>: A importância do saber escolar e a imagem da escola; Moralismo e civismo; e Higiene e bons costumes. De acordo com nota escrita por Puiggari e Barreto, a composição da Série foi inspirada em obras de autores como Mantegazza, Edmundo Amicis, Orestes Boni, Bartina, Jules Masson, Leon Tolstoi.

Criada, aparentemente sob influência do renomado Livro de Leitura escolar e ao mesmo tempo considerada obra clássica da literatura infantil: *Cuore* de Edmondo De Amicis, a Série Puiggari-Barreto apresenta diversas semelhanças com a obra italiana. Assim como no livro de DeAmicis, Puiggari e Barreto estabelecem a narração como gênero predominante da obra. As histórias do *Cuore* apresentam o dia a dia escolar e familiar de uma menino chamado Henrique. Do mesmo modo a Série Puiggari-Barreto narra o cotidiano do menino Paulo priorizando sua experiência na escola e em sua casa. Os livros da Série caracterizam-se por estarem divididas em “capítulos”, ou em historietas, que compõem a história de um menino chamado Paulo. Esta história se inicia quando o menino está prestes a ingressar na escola primária e acaba quando ele encerra o primeiro ciclo de sua instrução primária, no quarto ano. Cada livro da Série acompanha Paulo em cada ano escolar, começando pelo primeiro ano, além de narrar fatos ocorridos na escola, a narrativa se estende à vida cotidiana do menino com sua família, seus amigos, vizinhos, etc.

A família é apresentada de maneira bastante idealizada – pai, mãe, filhos, avós e tios, etc.- apresentando sempre uma boa convivência. Todos estão sempre felizes, são honestos e carinhosos uns com os outros, há sempre o respeito aos mais velhos e o cuidado amoroso aos mais novos. Alguns pequenos problemas são resolvidos dentro dos padrões da dignidade e da honra. Os pais, tios e avós educam as crianças, preocupando-se em usar palavras mansas e travam comoventes diálogos com estes, repleto de lições morais, amor e demonstração de carinho.

<sup>3</sup> É importante ressaltar que esses temas e categorias foram por nós eleitos como predominantes na obra, a partir da leitura e análise da Série. Mas que não foram explicitamente descritas pelos autores e a organização das lições do livro não segue esta ordem, podendo inclusive uma mesma lição tratar de dois ou mais temas.



A lição denominada “A imagem dos filhos”, do Primeiro Livro, retrata o sensível diálogo entre mãe e filha:

A tardinha depois do jantar, D. Julia foi descansar um pouco na cadeira de balanço. Luizinha correu logo para o seu colo. Naqueles dias quase não saía de junto de sua mãezinha [...]

– Estou vendo minha carinha em seus olhos! Como é que eu posso estar nos seus olhos mamãe?

-por que tu é minha filhinha querida! Não sabes, então que a imagem dos filhos está sempre nos olhos e no coração de suas mãezinhas? Não sabias?! Pois fica saber agora!

Luizinha enternecida, curvou a cabeça de D. Julia até a altura de sua boquinha, deu-lhe um beijo bem demorado, e disse imediatamente:

- as boas mãezinhas também estão na boca de seus queridos filhinhos! A senhora não sabia?! Pois fique sabendo agora. (PUIGGARI e BARRETO, 1931, p.152-4)

Além de construir uma imagem ideal do relacionamento afetivo entre mãe e filha, expressando sentimento de respeito e carinho mútuo, a lição ilustra a meiguice e a “alma angelical” de Luizinha, idealizando assim também a imagem de criança pura e inocente. As crianças que emergem das páginas dos livros de leitura de Puiggari-Barreto cumprem seus deveres com seus irmãos, com os outros, crianças e adultos, em situação de dificuldades. Nessa perspectiva apresenta-se a lição com o título “Donato como Mestre” do segundo livro da Série. A historieta narra como Donato e Paulo resolveram ajudar ao jardineiro que trabalhava para a família, que não tivera a oportunidade de frequentar a escola e que por isso não sabia ler. Os meninos ensinavam o jardineiro, Ricardo, nos intervalos durante o dia. Donato ensinava ler e contar, e Paulo ensinava Botânica e Zoologia, à medida que iam aprendendo na escola. As crianças reconhecem que não tinham muito jeito para ensinar, mas o aluno era muito dedicado e aprendia depressa. Em pouco tempo chegou às últimas páginas da Cartilha. “Em um mês conseguira o que não pudera conseguir em toda sua infância! Eis mais um edificante exemplo do poder da perseverança e da força de vontade” (p.97).

Desta forma, os autores, através de uma lição ensinam sobre a bondade e a virtude da caridade e possibilitam a reflexão sobre a representação do ideário republicano de educação que se propunha para a época, que ressaltava a importância e a essencialidade da instrução para que se houvesse progresso.

Na Série Rangel Pestana e na Série de Puigari-Barreto, os autores apresentam diversos rituais próprios da escola, que estavam se constituindo como parte integrante da cultura escolar, deste modo, percebe-se que pretendiam reafirmar e contribuir para a consolidação desta cultura apresentando para as crianças como a escola deveria ser, ao mesmo tempo em que estavam reproduzindo em sua obra os discursos correntes de sua época, os quais eles mesmos defendiam, sobre a forma escolar ideal. Em ambas as Séries os autores apresentam os rituais escolares, como as festas, as homenagens cívicas, e principalmente os ritos do dia-a-dia, tais quais, a hora das lições, hora de brincar, etc.

Em ambas as Séries são ressaltados que se deve ter horário para tudo, hora de estudar e hora de brincar e que o tempo da escola precisa ser cumprido. Todas as lições dos livros traduzem a divisão dos horários da escola: horário da entrada, do recreio, da lição, dos eventos cívicos, de maneira que o tempo escolar possa ser útil. A fim de controlar esse tempo, objetos específicos são incluídos na escola, e conseqüentemente aparecem nas histórias representadas na Série, como o sino, o relógio e o quadro de horários. O horário de cada lição, de cada disciplina escolar, regula a prática dos alunos e dos professores. Além disso, “o tempo escolar se expressa como tempo disciplinar: respeitar os horários e cumpri-los, cada coisa a seu tempo certo, preciso. Dessa forma, a criança aprende a concepção cultural do tempo que regulamenta a vida social” (SOUZA, 1998, p.128)

Ensinamentos de bom comportamento e de bons hábitos recheiam todos os livros, nos quais são ressaltando os valores que todo bom cidadão deveria ter, tais quais, honestidade, bondade, respeito aos mais velhos, cumprir os deveres, caráter reto, caridade, dedicação ao trabalho e à família, etc.

São apresentados, nas lições, os comportamentos reprováveis como preguiça, violência, mentira, ociosidade, orgulho, falta de respeito, falta de compromisso e responsabilidade, enfim. Sempre em lições que mostram os efeitos negativos desses modos de conduta, enfatizando a vergonha como uma das piores conseqüências. Nesse sentido as lições das séries ilustram alguns exemplos de práticas disciplinares que consistiam em castigos morais, exposição e vexame público como via de formação do sentimento de vergonha. A vergonha, a repugnância e o embaraço, são de acordo com Norbert Elias (1990), sentimentos próprios à modelação do controle das pulsões, caracterizando-se como sentimentos que permitem o autocontrole dos impulsos.

A narrativa moralizante contida nos livros das duas Séries é um ponto bastante relevante. Assim é possível confirmar a afirmação de Souza (1998) quando afirma que os livros de leitura, em geral, possuíam um caráter eminentemente prático, sem nenhuma preocupação literária sendo que a leitura era vista como meio para que fossem adquiridas as noções morais, cívicas e práticas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar das divergências no formato e modo de organização de conteúdos, Pfromm e outros (1974) afirmam que Romão Puiggari e Arnaldo Barreto seguiram o modelo das obras de João Köpke para a elaboração de sua Série de leitura. Assim, a análise realizada das duas Séries demonstrou que estas guardavam em sua essência a preocupação da educação de cunho moral, cívico e patriótico, além das condutas de higiene, do valor do trabalho, etc. Deste modo é possível perceber que a escola é concebida, neste contexto, como o meio propício para a disseminação dos valores republicanos, através das lições ensinadas. E a criança, tratada e vista principalmente enquanto aluno, era concebida enquanto cidadão em formação.

As Séries foram elaboradas de acordo com as concepções pedagógicas e políticas de inovação educacional, que atribuíam à escola a missão de civilizar e educar conforme os ideais do progresso, ou seja, preparar indivíduos para serem bons trabalhadores, cidadãos de valores e patriotas comprometidos com os interesses da nação. Preocupava-se em oferecer às crianças suporte para o ensino aprazível da leitura corrente, ao mesmo tempo em que ofertavam em suas Lições diversas prescrições de normas de conduta, de civismo e patriotismo. A sua configuração permitia às crianças uma imersão no universo escolar, com as suas diferentes manifestações como comemorações, rotinas, exames e prêmios.

Por meio de seus livros os autores dão vida a um projeto de escolarização da civilidade, que, através do uso de histórias sobre a vida em família, disciplina condutas.

Estas Séries de Leitura, consideradas no contexto histórico e social no qual foram elaboradas, podem ser caracterizadas como importantes suportes discursivos, pois carregam em si conteúdos culturais diversos que desempenharam papel fundamental para a constituição bem como para a disseminação da cultura escolar. Apresentando, em suas histórias os modos de conduta que os alunos deveriam adotar, possibilitam não somente

a habilidade da leitura, mas estabelecem também os modos de se comportar, enfim, de ser um cidadão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

KÖPKE, João. *Primeiro livro de leituras morais e instrutivas para uso das escolas primárias*. 28ªed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. (Série Rangel Pestana) 1911.

KÖPKE, João. *Segundo livro de leituras morais e instrutivas para uso das escolas primárias*. 61ªed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. (Série Rangel Pestana). 1928.

KÖPKE, João. *Quarto livro de leituras para uso das escolas primárias e secundárias*. 22ªed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. (Série Rangel Pestana). 1931

KÖPKE, João. *Terceiro livro de leituras morais e instrutivas para uso das escolas primárias*. 64ªed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. (Série Rangel Pestana). 1950.

PUIGGARI, Romão. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Primeiro Livro de leitura*. 37 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

PUIGGARI, Romão. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Segundo Livro de leitura*. 9 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.

PUIGGARI, Romão. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Segundo Livro de leitura*. 36 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1934.

PUIGGARI, Romão. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Terceiro Livro de leitura*. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.

PUIGGARI, Romão. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Terceiro Livro de leitura*. 16 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1919.

PUIGGARI, Romão. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Quarto Livro de leitura*. [?] ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.

PUIGGARI, Romão. BARRETO, Arnaldo de Oliveira. *Quarto Livro de leitura*. 5 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927.

### Bibliografia

BELO, M. D. *Série graduada de leitura Puiggari-Barreto: artefatos materiais, ideários e práticas na configuração da escola primária paulista (1890 - 1920)*. 2014. 128 f. Relatório Científico Final (maio a dezembro de 2013) Relatório científico (FAPESP).

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.

CARVALHO, M. M. C. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cadernos Cedes*, v. 20, n. 52, p. 11-23, 2000.

D'ÁVILA, A. *Literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Editora do Brasil. (Coleção didática do Brasil). 1969.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Thomson Learning, 2003

MARCÍLIO, M. L. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*; São Paulo: UNESP - COMPED, 2000.

OLIVEIRA, C. R. G. A., SOUZA, R. F. As faces do livro de leitura. *Cadernos Cedes*; educação, sociedade e cultura no século XIX; discursos e sociabilidades. Campinas, nº52, p.25-40.2000.

OLIVEIRA, C. R. G.A. *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1910)*. 2004. 168f. Dissertação de mestrado. UNESP-Araraquara. 2004

ORIANI, A. P. *Série "Leituras Infantis" (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino da leitura no Brasil*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010.

PANIZZOLO, Claudia. Civilizar, educar e instruir: a infância impressa nos livros de leitura. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. 1. p. 1-15.

PANIZZOLO, Claudia. A constituição da infância e da criança civilizada: um estudo da produção de João Köpke. In: VII Colóquio Nacional de Pesquisa em Educação, 2010. Anais do VII Colóquio Nacional de Pesquisa em Educação. Belo Horizonte: PUCMG, 2010. v. 1. p. x-xx.

PANIZZOLO, Claudia. A constituição da infância e da criança civilizada: um estudo sobre a produção político-pedagógica de João Köpke. In: II Encontro de História da Educação do Estado do Rio de Janeiro, 2010, Rio de Janeiro - RJ. Anais do II Encontro de História de Educação do Estado do Rio de Janeiro, 2010. v. 1. p. x-xx.

PFROMM NETO, S.; ROSAMILHA, N.; DIB, C. Z. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

VEIGA, C. G. A produção da infância nas operações escriturísticas da administração da instrução elementar no século XIX. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 9, p. 73-108, 2005.

VEIGA, C. G. As crianças na história da educação. In: SOUZA, Gizele de (org). *Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais*. São Paulo: Contexto, p.21-40, 2010.

